

Recuperação do emprego tem beneficiado mais homens do que mulheres no Brasil

Estudo do Credit Suisse alerta para risco de desequilíbrio de gênero duradouro no país

[\(Folha de S. Paulo | 28/09/2021 | Por Érica Fraga\)](#)

SÃO PAULO

As mulheres brasileiras que [desistiram de procurar emprego](#) por falta de esperança de conseguir uma vaga somaram 3,1 milhões no segundo trimestre de 2021, nível ligeiramente superior aos 3,06 milhões registrados entre abril e junho de 2020 e recorde para esse período do ano desde, pelo menos, 2012.

Já entre os homens, o total de desalentados -nome dado aos que [gostariam de trabalhar, mas desistiram](#), ao menos temporariamente- recuou para 2,5 milhões, uma queda de 5%, na mesma base de comparação.

Os números foram levantados pela **Folha** nos microdados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A divergência no indicador de desalento também aparece no nível de desocupação.

Embora tanto a taxa de desemprego de homens quanto de mulheres tenha começado a recuar lentamente, no caso feminino, no segundo trimestre deste ano, ela ainda estava 2,2 pontos percentuais acima do nível do mesmo período de 2020. Já para a mão de obra masculina, o patamar de desemprego era 0,3 ponto percentual menor, na mesma base de comparação.

Um estudo inédito do banco Credit Suisse faz um alerta sobre tendências como essas registradas no Brasil.

As três autoras da pesquisa dizem que o [impacto negativo da pandemia do coronavírus sobre o emprego feminino](#) em alguns países emergentes, como os latinoamericanos, será mais duradouro do que nas nações desenvolvidas.

[Acesse a matéria completa no site de origem](#)